

**Mercedes Lopes MJC**  
**Carlos Mesters O.C.**

***Ganância, corrupção, pecado estrutural  
na carta aos Romanos***

***Codicia, corrupción, pecado estructural  
en la carta a los Romanos***

***Greed, corruption, structural sin  
in the letter to the Romans***

**Resumo:** Este artigo se inicia com a apresentação do pecado estrutural, como está configurado no mundo de hoje, mostrando a importância da pessoa de Paulo, autor da Carta aos Romanos, na expansão geográfica do cristianismo, na abertura cultural que libera das normas e na percepção da importância da Boa Nova para a vida humana. Na sequência relaciona-se o sistema escravista como o pecado estrutural e se mostra como “a verdade se torna prisioneira da injustiça”, devido à ganância e corrupção estimuladas e mantidas pelo principado. Conclui-se afirmando que Paulo fortalece as comunidades cristãs neste momento de crise, assegurando o amor livre e incondicional de Deus.

**Palavras-chave:** ganância, corrupção, pecado estrutural, Carta aos Romanos.

**Resumen:** Este artículo inicia con la presentación del pecado estructural, tal como se configura en el mundo de hoy, mostrando la importancia de la persona de Pablo, autor de la Carta a los Romanos, en la expansión geográfica del cristianismo, en la apertura cultural que libera de las normas y en la percepción de la importancia de la Buena Nueva para la vida humana. En seguida, se relaciona el sistema esclavista como el pecado estructural y se muestra como la “verdad se vuelve prisionera de la injusticia” debido a la codicia y la corrupción estimuladas y mantenidas por el principado. Se concluye afirmando que Pablo fortalece las comunidades cristianas en este momento de crisis, afianzando el amor gratuito e incondicional de Dios.

**Palabras-Clave:** codicia, corrupción, pecado estructural, Carta a los Romanos.

**Abstract:** This article begins with the presentation of structural sin, as configured in today's world, showing the importance of Paul, author of the Letter to the Romans, in the geographical expansion of Christianity, cultural openness which liberates from rules, and perception of the significance of the Good News

for human life. It then relates the system of slavery to structural sin and shows how “truth becomes prisoner of injustice” through the greed and corruption promoted and maintained by the principality. It concludes affirming that Paul strengthens the Christian communities at that moment of crisis reassuring them of God’s gratuitous and unconditional love.

**Keywords:** greed, corruption, structural sin, Letter to the Romans.

## ***1ª O pecado estrutural hoje***

Diante de escândalos de corrupção, difundidos pela mídia de maneira sensacionalista, nos perguntamos o que leva uma pessoa pública que tem mais do que o necessário para viver a arriscar-se pelo intrincado e complexo caminho da mentira, gerando empresas que têm linguagem cifrada, justamente para encobrir seus crimes. Talvez esta pergunta nos ajude a entender melhor o significado da expressão pecado estrutural e como a cobiça entorpece as pessoas, impedindo-as de perceber as consequências de suas ações.

Esta é uma questão que Jung Mo Sung ajuda-nos a elucidar: “a noção de pecado estrutural indica que, na dinâmica social, as boas ou más intenções não são suficientes para determinar as consequências das ações individuais e sociais. Existe uma estrutura social dominante que limita e condiciona as possibilidades e as consequências das nossas ações.”<sup>1</sup> Essa estrutura pecaminosa tem sempre raízes profundas no passado, na história da humanidade obsecada pela cobiça e disposta a percorrer os caminhos complicados da corrupção para alcançar seus objetivos.

Já faz tempo que jornalistas investigativos apresentam pesquisas sérias sobre a corrupção no Brasil, mostrando como, pela ganância criminosa, pessoas e empresas que desviam dinheiro público e o aplicam em outros países,<sup>2</sup> onde este é lavado e aplicado em paraísos fiscais e Bancos de Países Desenvolvidos. Os roubos e os impostos que estas pessoas deixam de pagar têm que ser compensados por taxas mais altas sobre as rendas do povo em geral, causando cada vez mais dificuldades para os países pobres responderem às demandas da população em educação, saúde e infraestrutura.

---

<sup>1</sup> Jung Mo Sung, “Pecado estrutural e as boas intenções”, <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=28977>

<sup>2</sup> Entre outros jornalistas investigativos, cito Amaury Ribeiro JR: “Não é simples entender este processo complexo, intrincado, num emaranhado de empresas cujos donos são os mesmos e a linguagem das operações parece cifrada, justamente para encobrir os crimes”, em *Pirataria Tucana*, São Paulo: Geração Editorial, 7ª Edição, 2015, Coleção História Agora.

Este é um contexto que está por trás do texto da Carta aos Romanos e que nem sempre foi percebido. Com os olhos abertos pela realidade atual e com a ajuda do método histórico crítico consegue-se captar a situação complexa e as injustiças geradas pela cobiça, que são denunciadas nesta carta. A ambição desmedida constrói um sistema pecaminoso que se volta contra o próprio ser humano, colocando-o em um beco sem saída, onde só o regime da graça e da justiça de Deus é visto como alternativa de mudança, afirma Elsa Tamez<sup>3</sup>.

## ***2ª A importância da pessoa de Paulo***

Natural de Tarso, capital da Cilícia, Paulo recebeu uma formação baseada na Lei e na espiritualidade judaicas. Tarso era uma grande cidade do império romano e por ali passava muita gente com suas diferentes experiências. Diversas correntes espirituais e filosóficas da época circulavam com as pessoas que ali chegavam. Certamente Paulo ouvia comentários sobre esta diversidade de visões religiosas e políticas. Além disso, ele teve oportunidade de estudar e de conhecer diferentes realidades e assim conviver com a diversidade cultural e religiosa própria das grandes cidades do império romano.

Em Jerusalém, Paulo foi educado por Gamaliel (Atos 22,1-3), o que dava grande confiabilidade à sua pregação nas sinagogas da época. Paulo era tão radical na sua fidelidade à tradição dos seus antepassados que chegou a ser cúmplice do assassinato de Estevão, cujo discurso liga a memória história do povo judeu com a morte e ressurreição de Jesus, o “justo” (At 7,58; Gl 1,13-14). Mas, depois do seu encontro com Jesus Ressuscitado no caminho de Damasco, Paulo dedica tempo e procura ajuda para entender sua surpreendente experiência. O encontro inesperado e o envio para anunciar a Boa Nova aos gentios abrem os olhos e a mente de Paulo. Ele inicia um longo processo de conversão, relacionando a Lei judaica com a gratuita entrega de Cristo na Cruz para a justificação de todas as pessoas que acolhem a graça através da fé (Rm 10,4).

Para realizar a missão recebida ele toma consciência de que precisa romper com a corrente conservadora do judaísmo à qual pertence e, até mesmo, com seus familiares. Compreende que a adesão a Jesus

---

<sup>3</sup> Veja mais em Elsa Tamez, “Romanos frente a la crisis económica neoliberal y el diálogo intercultural”, in RIBLA n° 62, Quito: RECU, p. 86-95. O mesmo tema está desenvolvido no artigo de Elsa Tamez “¿Cómo entender la Carta a los Romanos?”, in RIBLA n° 20, Costa Rica: DEI, p. 75-98.

Cristo provocará uma grande mudança em sua vida, embora continue fiel ao Deus do seu povo. Foi justamente a vontade de ser fiel ao seu povo que o levou a aceitar Jesus como Messias. Para penetrar neste inesperado chamado que muda totalmente sua vida, Paulo fica treze anos em silêncio!<sup>4</sup>

### ***1. Na expansão geográfica do cristianismo***

Através de contínua oração e discernimento, Paulo compreendeu a mudança que precisava ser realizada nas comunidades cristãs para que estas se abrissem à participação de pessoas de diferentes tradições religiosas e culturais. Sua postura determinada em favor da acolhida de gentios sem circuncidar-se, nem praticar a lei mosaica trouxeram-lhe muito sofrimento e perseguição que representavam um verdadeiro pesadelo em sua vida de apóstolo dos gentios. Mas, foi justamente esta sua abertura que manteve viva e apaixonante a Boa Nova de Jesus no Ocidente, abrindo pequenos espaços para reflexão e celebrações litúrgicas em grandes cidades da Ásia Menor, Macedônia, Grécia, Roma, com perspectiva de chegar até a Espanha. Estas pequenas comunidades eram espaços abertos a uma participação igualitária de pessoas empobrecidas e escravizadas, com diferentes idades; mulheres e homens de distintas etnias. Poucas eram as pessoas de um estrato social mais elevado que participavam dessas comunidades cristãs (1Cor 1,26).

Com a mesma paixão com que defendeu a vivência autêntica do judaísmo, Paulo anuncia nas grandes cidades a Boa Nova de Deus vivenciada e anunciada por Jesus de Nazaré, no interior da Palestina. No contato com pessoas que conviveram com Jesus e foram testemunhas da sua vida, prisão, morte e ressurreição, Paulo interioriza o evangelho e o transmite em uma linguagem que pode ser compreendida pelas diferentes culturas com as quais entrou em contato, em suas longas e exaustivas viagens. Para isso, usa comparações tiradas do ambiente urbano, como o da construção civil. Com a parábola da construção de um prédio e da importância do seu alicerce Paulo consegue falar sobre a ação de Deus na vida das pessoas de fé e sobre a qualidade da adesão a Jesus Cristo, cuja consistência será comprovada pelo fogo (1Cor 3,10-17).

---

<sup>4</sup> Veja mais em Carlos Mesters, *Paulo Apóstolo um trabalhador que anuncia o Evangelho*, São Paulo: Paulus, 6ª Edição, 2001, p.27.

Para animar as comunidades cristãs a viverem o projeto de Jesus e a assumir uma disciplina de vida que as leve a atingir este objetivo, ele faz uma comparação com os jogos olímpicos (1Cor 9,24-27). Também usa o exemplo da compra e resgate de escravos no mercado para afirmar a liberdade e dignidade da pessoa que foi resgatada por Jesus Cristo (1Cor 6,20; 7,23).

## ***2. Na abertura cultural libertando das normas***

Usando esta linguagem inculturada, Paulo anuncia a Boa Nova de Jesus, reconhecendo nele o cumprimento das promessas de Deus ao povo judeu. Embora tenha ainda muito presente o estudo das Escrituras que fez no passado, agora seus olhos se abrem para uma dimensão que já estava presente nos textos bíblicos do Primeiro Testamento: o universalismo da salvação. Uma abertura que caracterizava a vivência cotidiana da fé, nas comunidades do interior de Judá, como transparece nos escritos proféticos (Is 2,2-4; Mq 4,1-3; Jr 12,15-16; Sf 3,9-10). Mas, os fariseus radicalizaram a separação, afirmando que somente o cumprimento da lei de Moisés e dos costumes judeus eram caminhos seguros para a salvação. Com clareza e determinação, Paulo anuncia a salvação gratuita oferecida por Deus a todas as pessoas que se deixam guiar pelo Espírito (Rm 8,1-17).

## ***3. Na percepção da importância da Boa Nova para a vida humana***

É importante observar a coragem com que Paulo resgata um dos aspectos fundamentais da prática de Jesus que é a igualdade básica de todas as pessoas, sejam escravos ou livres, mulheres ou homens, judeus ou gentios. Depois de batizados, todos têm a mesma dignidade e os mesmos direitos. Essa vivência do discipulado de iguais é uma característica fundamental das comunidades cristãs e um compromisso assumido através do batismo (Rm 6,4; 8, 14s; 10,12; 13,14; cf. Gl 3,26-28;). Paulo insiste nesse ponto, porque as relações de igualdade entre participantes das comunidades cristãs mostram de maneira convincente como o Reino de Deus está acontecendo na história.

## **1ª PARTE: Contexto da carta aos Romanos**

### **1. Época**

A Carta aos Romanos foi escrita em Corinto, por volta do ano 56-57, quando Nero era o imperador de Roma (54-68). Paulo ainda não conhecia Roma e tinha grande desejo de ir até lá para obter ajuda na concretização do seu projeto de anunciar o evangelho na Espanha, o extremo do mundo naquele tempo. Paulo já havia fundado comunidades cristãs na Ásia Menor, Macedônia e Grécia. Tinha visitado essas comunidades e escrito cartas amigas de orientação e incentivo na fé. Acabava de realizar uma coleta para as comunidades empobrecidas de Jerusalém e estava decidido a ir entregar esta coleta pessoalmente, embora estivesse preocupado com a conflitividade criada entre a sua postura de abertura aos pagãos e a visão mais fechada dos dirigentes das comunidades cristãs de Jerusalém. Ao escrever a carta aos romanos está consciente desta dificuldade e espera encontrar compreensão e apoio das comunidades cristãs de Roma.

### **2. Situação da cidade de Roma e a cultura do império**

A situação conflitiva e conflitante da cidade de Roma transparece em linguagem religiosa na Carta aos romanos, como veremos mais adiante. Sabemos que Roma era nessa época o centro de um império em grande expansão, de onde saíam decisões administrativas, militares, econômicas e judiciais para todo o império. Para este centro afluíam numerosas pessoas em busca de vida. Esta população de migrantes vivia em situação de insegurança e insalubridade, em conjuntos de prédios feitos de madeira, com permanentes incêndios e desabamentos, tanto na região do Trastevere como na Via Apia. Estes eram os lugares mais pobres da cidade, onde se formaram as primeiras comunidades cristãs de Roma.

O poderio e a expansão do império romano geraram a exploração, o empobrecimento, a exclusão e a repressão do povo. A sociedade romana estava dividida entre poucos que eram considerados *dignos* por sua origem nobre, riqueza ou cargo político e a grande maioria dos escravos e escravas, em um regime escravagista. O estigma da escravidão não podia ser apagado nem mesmo quando uma pessoa conseguia, com muito esforço, comprar sua alforria. Os plebeus eram formados por pequenos comerciantes, artesãos e artesãos, trabalhadores do campo, etc. Todos excluídos totalmente do direito à participação cidadã.

### 3. *Escravidismo como pilastra do sistema imperial romano*

O modo de produção escravagista era a pilastra principal da sociedade formada pelo império romano. Durante o auge da economia imperial, a produção de riquezas dependia fortemente do vasto número de escravos que trabalhavam tanto no campo, como nas casas e até mesmo no comércio e na administração dos bens dos seus amos.

No século I da era cristã, apenas 25% da população do império era formada por cidadãos. Desses 25%, mais da metade eram cidadãos libertos, isto é, pessoas que nasceram como escravas e que conseguiam comprar sua liberdade ou alforria, já que muitos deles tinham capacidade intelectual bastante elevada e recebiam *peculia* para administrar os negócios de seus donos. Além do comércio de escravos nos mercados de todas as grandes cidades do império, o próprio trabalho escravo trazia uma renda bastante substancial para o sistema do principado.

Depois de suas guerras de conquista, o exército romano trazia como escravos homens e mulheres que eram utilizados nas grandes propriedades e que se tornaram responsáveis pelo abastecimento da sociedade romana, sobretudo pelo luxo da corte. Historiadores narram que, ao terminar a guerra das Gálias, Julio César havia sujeitado milhares de escravos. Comentários, retirados de suas próprias memórias, narram que 300 tribos foram submetidas; um milhão de gauleses foram reduzidos à escravatura e cerca de três milhões (entre gauleses, germanos e belgas) tinham tombado nos campos de batalha.<sup>5</sup>

### 4. *Presença e influência dos Judeus na cidade de Roma*

Depois de tomar a Judéia, em 63 a.C., Pompeu levou judeus para Roma como prisioneiros de guerra. Mais tarde, alguns deles foram libertados, mas ficaram em Roma e reuniram-se com outros judeus que ali viviam, obtendo *status* legal, como agrupamento religioso.

Alguns autores afirmam que cerca de 20.000 ou até 50.000 judeus habitavam em Roma, na primeira metade do século I.<sup>6</sup> Os Atos dos Apóstolos informam que o imperador Claudio expulsou os judeus de Roma, por volta do ano 49 ou 50. Uma informação possivelmente recebida de Priscila e Áquila, companheiros de Paulo no trabalho e na missão (At 18,2-3). Mas, a pesquisa atual pondera que a expulsão de Claudio pode ter afetado apenas algumas sinagogas, já que não se encontram relatos deste fato em documentos judaicos como algo que tenha atingido todos os judeus de Roma.

---

<sup>5</sup> [http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/BEC42/23\\_Jose\\_Varandas.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/BEC42/23_Jose_Varandas.pdf)

<sup>6</sup> Jerome Murphy-O'Connor, OP. *Paulo Biografia Crítica*, São Paulo: Loyola, 2000, p.337.

Os judeus de Roma sempre mantiveram relações com os judeus de Jerusalém. Embora as comunidades cristãs de Roma fossem constituídas de uma maioria de gentios, desde sua fundação, havia influência das posturas e opiniões dos coordenadores das comunidades cristãs de Jerusalém sobre as comunidades cristãs de Roma.

### *5. A intenção da carta (Rm 1,8-17)*

Paulo deseja obter o apoio das comunidades cristãs de Roma para levar adiante seu projeto de anunciar a Boa Nova de Cristo a todos os povos da terra. Obtém notícias de que as comunidades cristãs de lá eram formadas por uma grande maioria de tementes a Deus. Por isso, um tema transversal de sua carta é a afirmação de que o evangelho de Jesus Cristo é dom gratuito, que deve ser acolhido pela fé e não merecido pela prática da lei.

Diante dos problemas de não aceitação por parte dos dirigentes das comunidades cristãs de Jerusalém, que estavam mais identificados com as tradições judaicas do que com a Boa Notícia da salvação gratuita de Deus, Paulo busca um diálogo sobre o assunto. Através da *diatribe* abre uma discussão sobre um tema já abordado na Carta aos Gálatas: a gratuidade da salvação, através da fé (Gl 6,13-14; Rm 3,27-31). Seu objetivo pode ser resumido na frase: “o evangelho é força de Deus para todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego” (Rm 1,16).

## **2ª PARTE: Cobiça e Corrupção na cidade de Roma**

### *1. A verdade prisioneira da injustiça (1,18-31)*

Paulo utiliza palavras usadas na linguagem cotidiana do povo para falar sobre o imperador romano, como fé, salvador, filho de Deus, senhor, evangelho para transmitir a Boa Nova da salvação gratuita de Deus, através da fé em Jesus Cristo.<sup>7</sup> Além da linguagem, as moedas da época eram cunhadas com a expressão “Justiça e fé”<sup>8</sup>, o que desvela como a linguagem religiosa era utilizada pelo império para manter a cobiça, a corrupção e o pecado estrutural.

Com refinada intuição, Paulo utiliza todos estes termos dando-lhes

---

<sup>7</sup> Elsa tamez, RIBLA 62, Quito: RECU, Petrópolis: Vozes, 2009, p. 91.

<sup>8</sup> Nestor Míguez, *No como los otros que no tienen esperanza. Ideología y estrategia del cristianismo paulino en la gentilidad. Lectura Socio-política de la primera carta de Pablo a los tesalonicenses*. Tesis doctoral inédita, ISEDET, Buenos Aires, 1989.



novo conteúdo. Aquela consigna de “justiça e fé”, cunhada nas moedas, torna-se sua própria consigna para denunciar o pecado estrutural. Dessa maneira, ele constrói uma teologia libertadora em linguagem conhecida pelo povo, que reconhece imediatamente o que está por trás de suas palavras. Utilizando um método parecido com a *diatribe*, Paulo cria um diálogo em que ele mesmo faz as perguntas e as responde. Com esta metodologia, Paulo não somente anuncia um poder maior que o do imperador. Ele faz uma crítica contundente ao comparar a justiça de Deus com a justiça do império, já que esta é oferecida gratuitamente a todas as pessoas que a desejam e acolhem e não somente aos ‘notáveis’, àqueles que tinham méritos.

Como um profeta, Paulo garante que “a ira de Deus se manifesta contra os homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça” (1,18; 2,2-5; Mq 7,9); denuncia a corrupção realizada em seus próprios corpos pelos judeus e também gentios que se entregam a paixões aviltantes (1,26), desumanizando-se e tornando-se incapazes de discernir e de julgar com lucidez para agir conforme o projeto de Deus (1,28). Usando uma lista de vícios, já bastante conhecida, Paulo denuncia a conduta de quem não se deixa conduzir por Deus (1,29-31).

## 2. *Pecado estrutural*

O pecado é estrutural, gerado pela ideologia do império em um movimento excessivo de expansão. A cobiça do império se concretiza também no comportamento e nas ações dos cidadãos (2,1-11), mas não é apenas uma questão de moral pessoal. Provém de uma organização socioeconômica construída sobre o poder de dominar, através de um exército extremamente organizado e capaz de massacrar qualquer levantamento. A cobiça do poder imperial se materializa no cotidiano do povo. Um exemplo disso é a exploração dos possuidores de vivendas em Trastevere e na Via Apia. A cobiça leva-os a construir prédios de madeira com inseguras, minúsculas e insalubres habitações para alugá-las aos migrantes que chegam a Roma. Tais vivendas representam não somente desconforto, mas um risco de vida para os pobres que nelas residem. Para seus donos, no entanto, são alta fonte de renda.

Quando Paulo usa a expressão *amartia*, ele está se referindo ao pecado estrutural. É o que se desvenda na expressão: “Porque tanto os judeus como os gregos estão sob o pecado” (Rm 3,9). Em seguida, citando o Primeiro Testamento, busca descrever o pecado: “Não há homem justo, não há um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a

Deus. Todos se transviaram, todos juntos se corromperam..." (3,10-12; Salmo 14,1-3). "Seus pés são velozes para derramar sangue; há destruição e desgraça em seus caminhos. Desconheceram o caminho da paz não há temor de Deus diante dos seus olhos" (3,15-17; Is 59,7-8).

O pecado estrutural é gerado pela cobiça e se manifesta na corrupção, competição, exploração, dominação, morte. Faz parte do sistema do império. Toda a unidade que vai de 1,18-3,20 manifesta a universalidade do pecado. A boa nova transmitida por Paulo na Carta aos Romanos é que a salvação é também universal e, além disso, gratuita (3,21-5,21). Para alcançar esta salvação é suficiente assumir decididamente a fé em Jesus Cristo, que sustenta a esperança dos pobres em meio à insegurança e à falta de alternativas (5,2).

### ***3ª PARTE: Libertação pelo amor***

Além da busca de encontrar apoio para a missão evangelizadora na Espanha, Paulo deseja fortalecer as comunidades cristãs de Roma. Ele carrega em si mesmo uma experiência profunda do amor de Cristo Crucificado por ele e pelo universo (Gl 2,20). Esta experiência ilumina seu olhar para descobrir a presença de Deus junto às pessoas mais vulneráveis dentro de um sistema estruturado a partir do pecado social.

"O primeiro sinal de vida é o redescobrimento da imagem de Deus na humanidade afogada pelo pecado, ali onde a morte está em expectativa, através da fome e da insignificância. Trata-se de sentir a pulsação de Deus "nos infernos" e de experimentar a graça no lixo".<sup>9</sup> É o olhar do amor que descobre a transparência do amor de Deus em tudo. Batizados em Cristo precisam viver no amor e mergulhar na graça para que possam conquistar uma "vida nova" (6,1-4). Com este olhar iluminado pela luz do Ressuscitado, Paulo contempla não somente Deus presente na humanidade submetida pelo pecado estrutural. Escuta também os gemidos da criação inteira que espera ansiosamente a libertação dos seres humanos, filhos e filhas de Deus. Ele afirma que "a criação guarda a esperança de ser libertada da escravidão da corrupção a que foi submetida, para entrar na liberdade dos filhos e filhas de Deus" (8,20-21).

Esta visão de Paulo ajuda as comunidades de Roma a relativizarem os sofrimentos do momento presente (8,18), sem alienar-se e nem

---

<sup>9</sup> Elza Tamez. *Contra toda Condena. La justificación por la fe desde los excluidos*, Costa Rica/San José: DEI, 2ª edição, 1993, p.149.

evadir-se no espiritualismo, porque a esperança de conquistar aquilo que ainda não se vê não permite cruzar os braços: “Se esperamos o que não vemos é na esperança que o aguardamos” (8,25). E esperar com esperança só é possível se a pessoa e a comunidade têm a experiência profunda de ser gratuitamente amada. E este amor gratuito e incondicional de Deus foi manifestado em Cristo Jesus. Por isso, “em tudo somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou” (8,37) e do qual nem os anjos, nem o poder avassalador do principado ou pessoa alguma poderá nos separar (8,31-19).

### ***Considerações finais***

No contexto atual em que a complexidade das grandes metrópoles desafia nossa capacidade de evangelização, precisamos resgatar não somente a metodologia usada por Paulo para anunciar o Evangelho nas grandes cidades, mas também sua entrega apaixonada, vivenciada em uma contínua busca de conversão; em longos diálogos e debates; em incansáveis viagens; na organização de solidárias partilhas; em permanente construção de pontes, através de encontros pessoais e redes sociais. Tudo isso realizado através de um afetuoso e efetivo trabalho de equipe, com a participação de mulheres e homens de esperança (Rm 16,1-16; 4,18s).